

Representações Cotidianas: Proposta de Superação da “Análise de Conteúdo” a partir da Dialética Marxista

Cássia Baldini Soares*
Heitor Martins Pasquim*
Sheila Aparecida Ferreira Lachtim*



O presente artigo pretende contribuir para a análise de representações cotidianas em pesquisas na área da saúde. Essa contribuição se fará em duas partes: a primeira, na dimensão mais abstrata, procura trazer conceitos-chave sobre representações e suas abordagens, em especial aquelas que superam a técnica de análise de conteúdo, frequentemente utilizada em estudos na área da saúde; e a segunda, na dimensão mais concreta, problematiza exemplo de análise de dados coletados em pesquisa anterior (LACHTIM, 2010).

O argumento desenvolvido parte do pressuposto de que a teoria das representações cotidianas tem coerência filosófica e teórico-metodológica com a perspectiva marxista que fundamenta o campo da saúde coletiva (SOARES ET AL, 2011) e é potente para superar análises funcionalistas incoerentes com o método dialético, que é advogado por esse campo de conhecimento. Contribuição importante

* Cássia Baldini Soares é prof^a Dr^a do Departamento de Saúde Coletiva (Escola de Enfermagem da USP); Heitor Martins Pasquim é Doutorando do Departamento de Saúde Coletiva; Sheila Aparecida Ferreira Lachtim é Doutoranda no Departamento de Saúde Coletiva.

para este artigo são as críticas extensivamente traçadas por Viana (2008, 2014), em relação à ideologia das representações sociais e as do senso comum, e a experiência em investigações sobre representações cotidianas do grupo de pesquisa “Fortalecimento e desgaste no trabalho e na vida: bases para a intervenção em Saúde Coletiva”, desenvolvida nos últimos cinco anos (SOARES et al, 2011; CAMPOS et al, 2013; PANAINO et al, 2014).

Desde logo, é preciso salientar que as representações cotidianas não podem ser confundidas com as representações sociais. Segundo Nildo Viana (2008), as representações sociais seriam essencialmente descritivas da realidade e, como tal, sem interesse de explicar essa realidade, sendo construções que reduzem suas abordagens em si mesmas. Nesse mesmo sentido, o senso comum estaria ligado, por sua vez, a concepções que naturalizam as ideias que os sujeitos têm sobre os fenômenos, conforme apreendidos como bloco homogêneo. Em contraposição, o autor mostra as raízes históricas e sociais da ideologia do senso comum, que anteriormente era relacionado à luta de classes e às suas manifestações contraditórias.

Destaca-se também que a consciência não é comunicada em sua totalidade, sendo apresentada em fragmentos e indiretamente. Ao contrário, nas sociedades classistas, desenvolvem-se diferentes representações da consciência, que expressam os diversos modos de vida das classes sociais. Dessa forma, o termo representações cotidianas expressaria, por um lado, a diferença entre pensamento complexo e senso comum, e, por outro, a divisão em classes. Afinal, se é verdade que as representações cotidianas não são um atributo de classes específicas, também é verdade que as representações complexas, ou pensamento sistematizado, são atributos mais comumente encontrados em classes privilegiadas que possuem condições concretas favoráveis à sistematização da consciência (VIANA, 2015).

É nesse contexto que a classe dominante e suas classes auxiliares produzem representações ilusórias da realidade, ou falsa consciência. A mentalidade dominante introjeta a sociabilidade capitalista (mercantilização, burocratização e competição), naturalizando como essência o que na verdade é característica da sociedade capitalista (VIANA, 2015). Além disso, na sociedade capitalista, ela sobrepuja a convicção da maior parte das pessoas e, por conseguinte, suas representações cotidianas. Todavia, ao mesmo tempo em que observamos a dominação contemporânea dessa mentalidade,

percebe-se que esse poder não é absoluto. Havendo fissuras na forma de expressões marginais contraditórias, ou seja, a utilização das representações cotidianas traz a expressão da consciência de classe podendo inclusive manifestar representações congruentes ou complexas.

Tanto a análise dialética, de formas e conteúdos integrados aos contextos sociais que engendram as representações cotidianas dos grupos sociais pesquisados, quanto à análise de conteúdo são construções históricas que pretendem orientar o olhar dos pesquisadores sobre dados empíricos, apreendidos da realidade social por técnicas como entrevista, grupo focal, revisão documental, entre outras.

Mesmo com essas comunalidades, não são necessariamente fenômenos de um mesmo tipo. As representações cotidianas, definidas por VIANA (2015), utilizando-se da dialética marxista, constituem construção que perfaz a dimensão metodológica de apreensão da realidade, que se funde à compreensão epistemológica materialista histórica de produção do conhecimento, como fundamento teórico para a pesquisa social. Laurence Bardin (1977), por outro lado, descreve a análise de conteúdo como técnica de investigação científica. A análise de conteúdo, conforme sintetizada por ela, consiste num conjunto de instrumentos de caráter metodológico em constante aprimoramento, muito utilizado em pesquisas para apreciação dos dados obtidos, sejam de natureza qualitativa, sejam de natureza quantitativa. No primeiro caso, enfatizam-se os núcleos de sentido de fragmentos do texto e, no segundo, a frequência de conteúdos manifestos nas comunicações analisadas. Em ambos, porém, essa técnica requer leitura exaustiva e precisa do material, organizando-se a análise em etapas: a primeira etapa seria de pré-análise, que tem o objetivo de organizar sistematicamente o material; a segunda fase, de exploração do material, permite a definição das categorias analíticas se o tratamento do material que incluía inferência, ou seja, a relação entre causas e consequências que podem estar relacionadas à mensagem. Entretanto, não existe apenas uma maneira de analisar, tampouco uma única forma de análise de conteúdo, senão um conjunto de técnicas aceitas (BARDIN,1977).

Apesar de Bardin ser importante referência para pesquisas em geral e na área da saúde em particular, não é a única. No Brasil, Augusto Triviños é referência em muitas investigações qualitativas, inclusive no campo da saúde coletiva, porque reitera a necessidade de se analisar o conteúdo criticamente, da perspectiva dialética, partindo de

sua contextualização social e histórica, ou seja, a partir da análise do lugar que os emissores das mensagens ocupam na sociedade. Dentre as qualidades da análise de conteúdo, Triviños (1987) destaca a necessidade de identificar, a partir do exame do material, conteúdos latentes, que estão por detrás de conteúdos manifestos, que por sua vez falsificam a realidade.

Embora haja essa tentativa de tornar a análise de conteúdo mais dialética nas reflexões de Triviños, observa-se que os princípios fundamentais da análise de conteúdo estão fortemente alicerçados na escola positivista, na qual os temas que perfazem o conteúdo manifesto das comunicações devem ser categorizados segundo os critérios da objetividade e da neutralidade. Nesse viés, a análise de conteúdo já foi criticada por pesquisadores principalmente ligados à análise do discurso como Rocha e Deus dará (2005), que apontam, de forma crítica, que a análise de conteúdo se vale do rigor do método como forma de validar suas descobertas, aparecendo o pesquisador meramente como observador imparcial, em detrimento de ser o sujeito responsável por produzir uma intervenção sobre o mundo.

Tal compreensão não emerge como um equívoco inofensivo, mas está intimamente ligada à luta de classes e à promoção da ordem capitalista. Afinal, a neutralidade é apenas um discurso, mas um discurso que favorece a dominação hegemônica. Assim, o conteúdo manifesto nas comunicações pode ser identificado como falsa consciência, ou concepção ilusória, segundo Viana (2008). E a análise de conteúdo corre o risco de expor esse conteúdo manifesto de forma descritiva, sem a interpelação de uma teoria, do contexto ou do lugar de classe do emissor.

Na proposta de Viana (2008), para a análise dialética das representações cotidianas, procuram-se quatro focos sequenciais: verificar qual o lugar do entrevistado na formação social capitalista; entender a mentalidade dominante; realizar a análise semântica do discurso; e, em último lugar, realizar a análise das contradições existentes nos discursos. As diferenças significativas entre Análise de Conteúdo e Teoria das Representações Cotidianas foram organizadas no Quadro 1, para melhor visualização das concepções.

Quadro 1 – Diferenças entre análise de conteúdo e teoria de representações cotidianas.

	ANÁLISE DE CONTEÚDO DE BARDIN	REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS
Objetivos de pesquisa	Descrever um saber verdadeiro que está por trás da superfície textual	Encontrar mediações que expliquem a realidade
Pesquisador	Imparcial	Sujeito responsável por produzir uma intervenção sobre o mundo
Etapas ou focos da análise	Pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados	Relações sociais e posição do emissor; mentalidade dominante; conteúdo semântico
Sujeito de pesquisa	Indivíduo ou grupo em um meio	Classe social (ou fração de classe)
Ciência	Instrumento neutro de verificação de uma determinada realidade	Instrumento político de investigação social
Método de análise	Positivismo	Materialismo histórico-dialético
Senso comum	Homogêneo (falso ou verdadeiro)	Contraditório (falso e verdadeiro)
Discurso	Conteúdo latente	Forma e conteúdo dominantes

Pesquisas específicas com representação cotidianas vêm avançando, mas outras pesquisas em saúde, mesmo diante de condições materiais concretas de existência que explicariam processos saúde-doença de acordo com a inserção de classes na formação social, tendem a buscar associações em atributos individuais e sociais isolados. É urgente continuar desenvolvendo, na prática de pesquisa, reflexão e aprimoramento de técnicas e métodos de análise coerentes com o campo da saúde coletiva. Tal é o caso de Soares (2007), para quem a perspectiva da saúde coletiva toma como referência o materialismo histórico-dialético e apresenta como desafio o desenvolvimento de análises que exponham as relações entre o processo saúde-doença e a totalidade social, desvendando as mediações que estão presentes na materialidade da reprodução social da vida.

Na segunda parte, resgatam-se conclusões de pesquisa ainda não publicadas em artigos de divulgação científica¹, com o intuito de discutir possíveis diferenças de análise entre a perspectiva funcionalista da análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), e a perspectiva da teoria das representações cotidianas, segundo Viana (2015), que se funda em metodologia dialética.

Trata-se de investigação empírica, desenvolvida de acordo com os fundamentos da saúde coletiva, sobre valores de realização, de jovens de 20 a 24 anos, residentes na cidade de Santo André/SP, moradores de quatro distintas regiões sociais (central, quase-central, quase-periférica e periférica), classificadas a partir da análise de 57 variáveis de reprodução social, que foram selecionadas dentre as que compõem o Censo Demográfico de 2000 (YONEKURA et al, 2010).

A coleta de dados dessa pesquisa foi realizada em 10 instituições sociais (2 clubes desportivos, 6 escolas públicas estaduais e 2 centros de formação profissional da prefeitura) das 4 diferentes regiões analisadas. Participaram das entrevistas 86 jovens, sendo 15 jovens da região central, 21 da quase-central, 23 da quase-periférica e 27 da periférica.

Os participantes eram em sua maioria do sexo masculino (56%). Apresentaram diferenças em relação à escolaridade: na região central, 67% estavam cursando ensino de terceiro grau, enquanto na região quase-central esse percentual caía para 57%; já na região quase-periférica 74% cursava o ensino médio e na região periférica esse percentual chegava a 81%.

A maioria dos jovens estava inserida no mercado de trabalho, sendo que na região central a percentagem era de 66%, na região quase central era de 68%, na quase periférica era de 77% e na periférica 55%. No grupo central nenhum jovem declarou-se desempregado, mas nas demais regiões o desemprego apareceu, sendo que na região quase central foi de 5,3%, na quase periférica de 9,1% e na periférica de 37%.

A análise que se seguirá é uma parte dos resultados e discussão que se refere à ideologia dominante que os jovens expuseram, quando perguntados sobre o que era estar realizado, e se conheciam alguém que pudesse ser considerado bem sucedido? Através de análise de conteúdo das entrevistas percebeu-se que os jovens da região

¹Trata-se de parte dos resultados da dissertação de mestrado “Jovens de Santo André, SP, Brasil: um estudo sobre valores em diferentes grupos sociais”, defendida na Escola de enfermagem da USP em 2010.

central não apresentaram nenhuma dificuldade em reconhecer algum familiar ou amigo bem sucedido. Eles associavam realização a sucesso e a pessoas que conseguiam acumular capital e, por isso, mantinham uma vida confortável e estável, ou seja, alguém que tem um projeto de vida geralmente ligado a uma carreira profissional plena de satisfação pessoal e financeira, sendo a escolarização um instrumento a mais nessa direção. Na região quase central, os jovens se diferenciaram daqueles na região central apenas por recuperarem a importância do capital cultural na realização humana. Em contrapartida, nas regiões mais periféricas, percebia-se nos jovens certa dificuldade em falar de alguém próximo, que pudesse ser considerado bem sucedido. Esses jovens geralmente rememoravam nomes de personalidades constantemente aclamados pela mídia, como exemplos de pessoas bem sucedidas, e “patrões” que no passado foram pobres, mas que, com muito esforço e alguma esperteza, agarraram oportunidades, advindas com a sorte e mudaram suas vidas.

No desenho de pesquisa e na forma de análise foi possível perceber a preocupação em localizar os entrevistados em relação ao seu pertencimento, ao lugar que ocupam nas relações sociais capitalistas, conforme orienta o primeiro foco da teoria das representações cotidianas. Ou seja, já se fazia presente, à época, a certeza de que diferentes valores sociais eram gerados em diferentes cotidianos, de acordo com a posição que os indivíduos ocupam na sociedade. Porém, parece ter feito falta um foco mais atento à mentalidade dominante e às contradições sociais.

Neste caso, a mentalidade dominante é fundamental para compreensão do objeto de pesquisa (valores de realização), que expressa os seus valores ao defender a própria valoração do vencedor. Segundo Viana (2015), a valoração do vencedor é uma mentalidade dominante no capitalismo, e serve não apenas para quem consegue vencer no campo da riqueza, do mercado ou do poder, mas também para aquele que só pode vencer por meio de recursos individuais como no estudo, no trabalho, em casa, na inteligência, na beleza ou até no esforço, no sofrimento e na vontade.

A compreensão da mentalidade dominante ajuda sobremaneira a buscar não só incoerências formais no pensamento e práticas populares, mas contradições dialéticas que podem ser potencializadas e gerarem novas mobilizações. Nesse sentido, encontraram-se também nos dados empíricos do estudo quem considerasse que uma pessoa bem sucedida é aquela que se mantém fiel aos seus ideais e procura ajustar sua

vida, a partir de ações que resultem no bem-comum, como Herbert de Souza e Florestan Fernandes. Sob esta ótica, o mundo adulto mostra-se um mundo de desistência de ideais e manter-se jovem significa permanecer fiel a utopias. Tal representação verdadeira de um indivíduo está acompanhada de outras que reproduzem representações ilusórias, a partir da referência ao esforço pessoal, entre outras, portanto representações dialeticamente contraditórias. Também há relatos de pessoas que não conseguem se agarrar a nenhuma pequena vitória e certamente desenvolvem desequilíbrios como o consumo prejudicial de drogas.

Para finalizar vale destacar que uma pesquisa que se propõe a estudar representações cotidianas desde a sua delimitação e desenvolvimento poderia apresentar coleta de dados diferentes, priorizando, por exemplo, entrevistas aprofundadas e pessoais. Se o compromisso da saúde coletiva é aproximar-se cada vez mais da realidade complexa, a teoria das representações cotidianas pode auxiliar na produção de reflexão que contribua com a transformação radical da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMPOS, F.C. et al. *Representações cotidianas sobre consumo de drogas: um estudo entre jovens de Santo André, SP, Brasil*. *Saúde & Transformação Social*, v. 4, p. 66-77, 2013.

LACHTIM, S.A.F. *Jovens de Santo André, SP, Brasil: um estudo sobre valores em diferentes grupos sociais*. [dissertação] Escola de enfermagem da USP. São Paulo, 2010.

PANAINO, E.F.; SOARES, C.B.; CAMPOS, C.M.S. *Contextos de início do consumo de tabaco em diferentes grupos sociais*. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [serial on the Internet]. 2014 June [cited 2014 Nov 29]; 22(3): 379-385. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692014000300379&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.3205.2427>.

SOARES, C. B. *Consumo contemporâneo de drogas e juventude: a construção do objeto na perspectiva da saúde coletiva*. Tese de Livre-Docência USP. São Paulo, 2007.

SOARES, C.B.; et al. *Representações cotidianas: uma proposta de apreensão de valores sociais na vertente marxista de produção do conhecimento*. *Rev. esc. enferm. USP* [online]. 2011, vol.45, n.spe2, pp. 1753-1757.

ROCHA, D.; DEUSDARA, B. *Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória*. Alea [online]. 2005, vol.7, n.2, pp. 305-322.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANA, N. *A pesquisa em representações cotidianas*. Lisboa: Chiado, 2015.

VIANA, N. *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*. Bauru: EDUSC, 2008.

YONEKURA, T. et al. *Mapa das juventudes de Santo André, SP: instrumento de leitura das desigualdades sociais*. Revista de Saúde Pública. 2010; 44(1): 45-52.

Resumo: Este artigo pretende contribuir para a análise de representações cotidianas em pesquisas em saúde coletiva. Entende-se que há necessidade de uma técnica de análise que consiga corresponder ao materialismo histórico-dialético e dessa forma expor e mediar as relações entre o processo saúde-doença e a totalidade social presentes na reprodução social da vida.

Descritores: 1-saúde coletiva; 2- representações cotidianas; 3- método

Abstract: This paper aims at the analysis of everyday representations in research in public health. It is understood that there is need for an analysis technique that can match the historical and dialectical materialism and thus expose and mediate relations between the health-disease process and the whole of society in the social reproduction of life.

Descriptors: 1- public health; 2- everyday representations; 3- methods